



Receptáculos de memória? Comentários a respeito da velhice indígena nas fontes do período colonial

Palavras-Chave: VELHICE, INDÍGENAS, PERÍODO COLONIAL

Autores(as):

Gisele de Oliveira Bezerra, IFCH - Unicamp

Prof^(a). Dr^(a). Camila Loureiro Dias (orientador(a)), IFCH - Unicamp

INTRODUÇÃO:

Este resumo é referente à pesquisa de Iniciação Científica “*Receptáculos de memória? Comentários a respeito da velhice indígena nas fontes do período colonial*”. A pesquisa tem como objetivo realizar uma compilação dos comentários de cronistas e missionários religiosos sobre velhos indígenas, tendo como recorte fontes da região do Grão-Pará e Maranhão do século XVII até meados do século XVIII. Ademais, busca-se averiguar a hipótese de que o velho indígena pudesse ser considerado um “receptáculo de memória” nesse período, conforme observado em algumas comunidades contemporâneas.

Para tal propósito, elaboramos três questionamentos norteadores para a seleção e posterior análise dos excertos escolhidos, sendo elas: 1. Como idosos indígenas eram percebidos pelos colonizadores nos primeiros contatos estabelecidos? 2. Como o velho estava inserido nas dinâmicas de trabalho, catequização e outras dinâmicas cruciais da colonização? 3. Qual seu papel nas atitudes de resistência aos processos coloniais? Assim, podemos entender o papel dos velhos nas sociedades indígenas coloniais.

METODOLOGIA:

Compreendendo os objetivos da pesquisa, realizamos a leitura de seis fontes, sendo elas: *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças* de Claude D’Abbeville; *Cronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* de João Felipe Bettendorf; Os dois volumes do *Tesouro descoberto no Máximo rio Amazonas* de João Daniel; *Viagem ao Norte do Brasil* de Yves d’Evreux; *Escritos instrumentais sobre os índios* de Antonio Vieira; *Papel político sobre o Estado do Maranhão apresentado em nome da câmara ao Sr. Rei D. Pedro II por seu procurador Manuel Guedes Aranha* do próprio Guedes Aranha.

As fontes selecionadas são, em maior parte, relatos de missões de grupos religiosos na região recortada. Por isso, as fontes em sua concepção possuíam a intencionalidade de informar ao público

externo à missão os acontecimentos que se deram durante seu desenvolvimento, o que contribuía para a organização de missões posteriores. Ao compreender a função chave desses escritos para a lógica da organização, podemos assimilar que as informações contidas nelas não configuram caprichos do gênero, mas sim explicações intencionais dos acontecimentos da missão.

Para trabalhar com essas informações, foi realizada a leitura e fichamento das obras completas. Durante a leitura, realizou-se uma busca por termos-chave que poderiam indicar a presença de velhos indígenas em cada relato, sendo eles: “velho (a, os e as)”, “ancião(s)”, “muita idade”, “principal” e “pajé”. Optamos por dar atenção ao termo “principal” e “pajé”, pois observamos que, em uma quantidade significativa de vezes, os relatos associam os velhos de uma comunidade aos seus principais, quando não são eles os próprios principais e pajés.

Com a finalidade de produzir um material sistematizado e compilatório a partir dos dados recolhidos sobre indígenas velhos, foi produzida uma tabela com os seguintes tópicos em seu cabeçalho: Nome do indígena, Etnia, Idade, Local, Região, Ano, Página, Capítulo, Livro, Missão, Resumo do Caso, Referência em ABNT, Observações, Palavra-chave (1) e Palavra-chave (2). Para melhor esclarecimento das últimas três colunas: em observações encontram-se comentários sobre a situação em que o velho aparece e possíveis debates que podem se estabelecer sobre o caso; já nas colunas de palavras-chave tentamos resumir os episódios a partir de um termo comum para melhor sistematização das informações coletadas. Por fim, a partir do que foi coletado na tabela, pudemos estabelecer alguns debates bibliográficos sobre a questão da velhice indígena.

Recorte da Tabela: “Velhos Indígenas (Fontes do século XVII e início do XVIII)”						
Nome	Etnia	Local	Ano	Resumo	Comentário	Palavra - chave(1)
João Camaru	Tunambaranas	Capitania do Guarupa - Rio das Amazonas	1669	Descrição do local e da necessidade de mudança devido à uma praga de mosquitos, boa terra com frutinhas, peixes e tartarugas. O relato vem do que o padre ouviu dizer. "O principal dos tupinambaranas é João Camaru, índio afamado nas guerras, e por essa razão feito capitão-mor dos seus, mas já de muita idade, e morreu-lhe sua gente quase toda e após ela também ele faleceu"	O principal aqui de fato é velho e sua liderança se dá devido a sua idade e experiência	Liderança

Tabela 1– Esse é um recorte das principais colunas informativas que aparecem na primeira linha da tabela descrita na metodologia.

CONTEÚDO DAS FONTES:

A tabela que compila situações em que velhos são mencionados nas fontes selecionadas gerou 127 linhas preenchidas, mesmo que nem todas as colunas tenham sido preenchidas em suas totalidades. Percebe-se ainda uma padronização das situações informadas nas fontes devido ao período recortado. Observamos que nos escritos dos padres capuchinhos, que datam o início do século XVII, as

situações em que os velhos aparecem são de primeiros contatos, descrição de hábitos culturais, negociações com lideranças. Os velhos indígenas são enxergados com dignidade e influência social pelos padres Capuchinhos, mas o mesmo não se aplica às suas descrições das velhas indígenas. Em relação ao grupo feminino, pode-se observar comentários ácidos e pejorativos sobre seus costumes e atividades sociais.

Quanto às fontes da missão de padres jesuítas observamos outras características, devido a pertencerem a uma temporalidade onde a missão já estava estabelecida na região Amazônica, afinal essas fontes datam do final do século XVII e primeira metade do século XVIII. Nas fontes jesuítas existe uma diversidade maior de temáticas onde anciões foram mencionados, como: situações de trabalho, sua função social, atividades de resistência, e até mesmo sobre a inutilidade desse grupo social para as atividades econômicas da época. Por fim, conclui-se que as fontes conseguem responder aos três questionamentos norteadores propostos.

Ademais, é importante informar que das fontes selecionadas inicialmente somente foi possível localizar velhos nos escritos dos padres missionários, sendo assim, não foi possível fazer aproveitamento para a pesquisa os textos de Manuel Guedes Aranha.

DEBATE BIBLIOGRÁFICO:

A partir do que se estabeleceu com a investigação das fontes, além de chegar a algumas conclusões a respeito da função social dos velhos, podemos também nos aproximar de outras discussões teóricas. Dentre esses outros debates, podemos analisar as obras de Florestan Fernandes sobre as sociedades Tupinambás do período colonial. Fernandes em *A organização social Tupinambá* se consagra como um dos poucos intelectuais que oferece atenção às categorias de idade e suas funções sociais, o que o torna uma leitura indispensável para a pesquisa. O autor constata que o grupo de anciões possuía prestígio social em suas comunidades. Isso ocorre por conta de os velhos possuírem poderes deliberativos sobre dinâmicas essenciais como a guerra, transmissão de saberes, cura, relações cosmológicas espirituais etc.

Entretanto, é importante estabelecer uma crítica a sua obra após a leitura das fontes, pois a organização social das categorias de idade expostas pelo autor é mais dinâmica do que o postulado. Principalmente quando lembramos que essa cultura já estava em regime de contato com o “não indígena”, ou seja, em mudança, sendo transformada já no momento do registro dos cronistas. Essas mudanças devem ser historicamente observadas para que essas sociedades não se tornem cristalizações. É importante pontuar que o autor não se apoia nos métodos históricos. Além disso, por mais que Fernandes demonstre domínio sobre suas fontes, ele deixa passar a questão central de que esses escritos de missionários são discursos com objetivos e não relatos de viagem despreziosos, afinal, os escritos se tornam referência para criação de método de catequese colonial.

Outro ponto com o qual as fontes conseguem estabelecer debates é com os escritos de Ronald Raminelli sobre as velhas tupinambás. Em textos como *Eva Tupinambá*, o historiador percebe que existe uma

distinção pejorativa feita pelos padres sobre homens velhos e mulheres velhas, e isso sem dúvidas se confirma na análise de fontes com as adjetivações pejorativas feitas às velhas indígenas. Mas é claro que, mesmo dentro desse quadro pejorativo, é possível observar atitudes de resistência e respeito para com essas mulheres, o que nos permite observar uma complexidade maior do que a estabelecida por Raminelli. Entendendo esses quadros, podemos observar ainda uma ligação das fontes com escritos etnográficos contemporâneos, principalmente em relação à aceitação da situação de morte pelo bem da comunidade por parte das velhas, observamos isso nos escritos de João Daniel e outra situação semelhante no livro *Crônica dos Índios Guayaki: O que sabem os Aché caçadores nômades do Paraguai* de Pierre Clastres. Outras temáticas como a função social dos anciões em suas comunidades podem estabelecer pontes para essas discussões.

CONCLUSÕES:

Podemos concluir que existe um quadro complexo no que diz respeito aos velhos indígenas no período colonial. As fontes analisadas demonstram que esses anciões estavam presentes e ativos e possuíam diversas funções sociais, estando inseridos em locais de respeito em suas próprias comunidades e esse prestígio era reconhecido pelos missionários religiosos. Os anciões participavam de atividades econômicas coloniais e dinâmicas de negociação com os colonizadores e resistência aos processos de violência colonial. Apesar da historiografia por vezes não ter estabelecido um recorte etário, por meio desta pesquisa podemos compreender a relevância dessa categoria de idade para o entendimento dos processos vivenciados pelos povos originários durante a colonização.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

ABBEVILLE, Claude D'. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*, 1614. Traduzido e anotado: Dr Cesar Augusto Marques. São Luís: Typ. Do Frias, 1874.

ARANHA, Manuel Guedes. Papel político sobre o Estado do Maranhão apresentado em nome da câmara ao Sr. Rei D. Pedro II por seu procurador Manuel Guedes Aranha, 1665 [1685]. RIHGB, t.66 (1), 1883, 1-60.

BETTENDORF, João Felipe. *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* [1698]. RIHGB, t.72(1), 1910, 1v, 697p.

DANIEL, João (1722-1776). *Tesouro descoberto no Maximo rio Amazonas* [1776], 2 vols, Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

EVREUX, Yves d', *Viagem ao Norte do Brasil*, Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1929.

VIEIRA, Antonio. *Escritos instrumentais sobre os índios*. Seleção de textos: Cláudio Giordano; ensaio introdutório: José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: EDUC/Loyola/Giordano, 1992.

Bibliografia

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios aldeados: história e identidades em construção. In: *Metamorfoses indígenas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. p.257 – 279.
- CLASTRES, Pierre. *Crônica dos Índios Guayaki: O que sabem os Aché caçadores nômades do Paraguai*. Editora 34: São Paulo, 2020.
- EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- FERNANDES, Florestan. *A organização Social Tupinambá*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2.ed, 1963.
- FERREIRA, Ana Carolina Sodré. “Fontes para a história indígena do e antes do século XVI”. *Em diálogo*, 9(1), 115-126.
- RAMINELLI, Ronald. “Eva Tupinambá”. In: PRIORE, Mary Del. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 11-44.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização: a representação do índio de caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- SANTOS, Bruno Machado dos. *Os Jesuítas no Maranhão e Grão-Pará Seiscentista: Uma análise sobre os escritos dos protagonistas da Missão*. Jundiaí-SP: Paço Editorial, 2015.